



TAUNAY, Affonso de E. Heraldica municipal brasileira. Jornal do Comércio, São Paulo, 05 abr. 1931.

HERALDICA MUNICIPAL BRASILEIRA

Jamais se cogitou seriamente da heraldica municipal em nosso paiz.

Em no entanto um dos primeiros actos de Thomé de Souza foi dar á sua cidade d'O Salvador brazão de armas: a tão conhecida pombinha da arca com a divisa gentil do *Sic illa ad Arcam reversa est*, distico que hoje se reveste de um certo enigmatismo de intenções e consequente divergencia de interpretações. Rarissimas as nossas cidades que têm escudos, mesmos as mais antigas.

Os dos Estados da Federação são em geral emblemas muito feios como o da Bahia, por exemplo alguns dos quaes até grotescos como o de Sergipe com o seu índio e o seu balão "Porvir".

Raros escaparão a uma critica seria e imparcial e geralmente soffrem do mesmo mal: a pobreza da inventividade alliada á ignorancia das tradições regionaes.

De todos estes escudos estadoaes bem poucos me parecem justificaveis como por exemplo o do Rio Grande do Sul, por tradicional e o de Mato Grosso meditado em sua composição. Alguns ha, contudo de bom aspecto como o do Rio de Janeiro.

Parecia que após tanto açodamento em se dar brazão á primeira cidade brasileira houvesse logo verdadeira derrame de pedras d'armas por todo o paiz apenas se fundassem villas e cidades.

Ao envez disto não se cogitou do assumpto. Algumas das nossas mais notaveis agglomerações jamais tiveram armas como São Paulo, por exemplo. Entretanto em Portugal rara a villa de certa importancia não brazonada. As cidades por pequena que sejam têm todas, ou quasi todas, os seus escudos.

Armas coloniaes poucas conhecemos além das da cidade d'O Salvador: a pomba de prata sobre campo de sinople. O que Varnhagen escreve sobre as côres do escudo representa um *quando que bonus* do grande historiador a quem contestam as opiniões de Gabriel Soares e Rocha Pitta.

O Rio de Janeiro mudou frequentemente de armas cujos elementos essenciaes são sempre foram o molho de flechas de São Sebastião que Estacio de Sá, Nobrega e Anchieta, ao que parece, lhe attribuiram.

Mas nuncã teve divisa o que tanto falta faz ao seu escudo. Seria o caso de se lhe dar o tão conhecido "muito leal e heroica" com o que Pedro I a agraciou. O escudo de nossa capital é bonito com os seus dois golfinhos e o seu arco. Parece-me porém estrambolica a posição do barrete phrygio que dá ao conjunto da esphera e das frechas certo ar de placa de tiro ao alvo. Poderia ser deslocado para o alto da corôa mural em escudete apropriado.

Sabem todos que sob o domínio hollandez brazonou Mauricio de Nassau a Pernambuco, Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte, Sergipe e ás villas de Itamaracá, Iguarassu', Serinhaem e Porto Calvo.

São bem conhecidas a donzella mirandose num espelho e segurando com a mão di-

reita uma canna de açúcar, de Pernambuco; os pães de açúcar da Parahyba, a ema do Rio Grande do Norte, o sol de ouro e as corôas de Sergipe, os peixes de prata de Alagoas, os cachos de uva de Itamaracá, os carangueijos de Iguarassu', o cavallo de Serinhaem os morros de Porto Calvo. Na obra monumental de

Brazões antigos, seiscentistas, mas ignore se officiaes são os de Belém e de São Luiz do Maranhão, a que descreve o Padre José de Moraes na *Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Para.*

"Foram pois as armas da cidade de Belém, do Grão-Pará, um escudo grande esquadrelado, de uma parte da qual, em campo azul, se via um castello de prata e nelle um escudo de ouro, com as quinas de Portugal, pendente de um trancelin de pedraria.

"Em cima do castello, de ambos os lados, sahlam dois braços: um offerecendo um cesto de flôres, com a inscripção por baixo *Verent aeternum!* em outro um cesto de frutas com a inscripção *Tutius latent*: do outro lado em campo de prata um sol retrogrado correndo do poente para o nascente e a inscripção *Reactor cum retrogradus*; e logo outra *Nequam minima est*, com um boi e uma mula por baixo olhando para o mesmo sol".

Falando do brazão de São Luiz escreve o ignacino:

"São pois as armas proprias desta cidade, cabeça em outro tempo do estado, um escudo coroado; no campo do qual se vê um braço armado de uma espada, de cuja mão, como de Astréa pendem umas balanças a que servem de conchas dois escudos menores, em um que pesa menos se vê as flores de liz e as armas de Olanda com estas letras V I S, no outro que pesa mais se vê as armas de Portugal com as mesmas letras V I S e por baixo logo a epigraphe que diz:

Praeponderat, porque pesou mais o *ius* ou a justiça das armas de Portugal, que o *vis* ou força das de França e a Olanda, com immortal desempenho do valor portuguez e não menor gloria da valentia daquelles illustres moradores do Maranhão". O brazão de Baleias é officializado não sei se o mesmo se dá com o de S. Luiz descripto pelo Padre Moraes.

No seculo XVIII não me consta que haja alguma localidade do Brasil sido brazonada, além de Cuyabá e Villa Bella (Mato Grosso).

As da Villa Real do Senhor Bom Jesus de Cuyabá assim se descrevem:

"Em campo verde um monte salpicado de folhetes e granitos de ouro. Como timbra um phenix em sua immortalidade".

As de Mato Grosso vem a ser: "Em campo de prata duas corôas de circumferencia concentricas de blau e goles (sendo a externa a vermelha). Dentro da aguiá e as duas outras a de dextra, de pomba, a de senestra de pellicano ferindo o peito".

As armas de Cuyabá datam de 1727, as de

Mato Grosso de 1752 (cf. João Severiano de Fonseca na Rev. Inst. Hist. Bras. t. 51, suppl. 112).

São estes os braços municipaes que conheço anteriores á Republica, pois ignoro se os que se attribuem a Ouro Preto e Mariana realmente procedem de actos officiaes.

Depois de 15 de Novembro houve verdadeiro derrame de infelizes symbolos estaduais. Poucas as unidades da federação que escaparam ao brasonamento e quicá entre ellas São Paulo haja sido a unica.

Em Junho de 1890 propoz Tristão de Alencar Araripe uma serie de braços para os Estados e suas capitães mas em geral a meu vêr são as suas concepções heraldicas, muito deficientes precipitadas assim como os motes propostos.

Actualmente creio que em todo o Brasil não haja cincoenta cidades que possuam pedras de armas. Destas umas trinta se localizam no Estado de São Paulo.

Algumas das nossas maiores capitães ainda não têm escudos. Supponho que em tal situação se acham Porto Alegre e Nictheroy.

O Recife tinha outrora um escudo que era verdadeiro monstrengo heraldico. Foi abolida mercê da campanha movida por Mario Meo.

Abriu a sua municipalidade um concurso para a escolha de seu novo braço. Não sei que resultado teve este certame a que concorreram entre outros, com diversos projectos Mario Melo e o pintor Balthazar da Camara.

Aqui e acolá pelos nossos Estados surge uma ou outra cidade escassa com pedra d'armas. Em geral não são felizes pela deficiencia dos elementos de evocatividade historica.

Supponho que a minha resenha seja bem deficiente mas de prompto me occorrem os nomes de umas tantas cidades cujos escudos já tive o ensejo de ver e outras que sei possuírem armas municipaes.

No primeiro caso estão Campos, com um escudo pessimo e uma divisa boa, allusiva a Benta Pereira: Santo Amaro da Bahia, insignificativo; Bello Horizonte, muito fraco, Curityba idem. Paranaguá, pessimo; Pindamonhangaba, anti-heraldico, Badiru', deficiente.

Petropolis, ha pouco, adoptou um braço vistoso e de agradável conjunto. O escudo propriamente dito agrada-me muito: acho excellente a ideia da utilização do trilho de caminho de ferro no listel. Mas ainda assim entendo que a divisa é fraca, sem cunho brasileiro especial, assim como me parece que o conjunto deve ser melhorado por meio de tenentes que recordem as origens da cidade.

Entendo que a divisa seria muito mais heraldica se ella recordasse que a cidade é tambem temporaria e annualmente a capital do palz.

Ha uns outros escudos municipaes cuja estampa desconheço entre elles o de Earbaccena e Parahyba do Sul que me dizem ser detestaveis.

O de São João d'El-Rey, composto por uma das mais eminentes autoridades em materia de historia do Brasil, Basílio de Magalhães, encerra excellentes ideias mas tem ao mesmo tempo aspectos palzagisticos que tanto prejudicam os escudos dando-lhes feição de marca de fabrica. Com pequena adaptação heraldica ficará excellente.

Pode ser que esteja eu num ponto de vista falso mas parece-me que a se compor umá pedra d'armas para uma cidade brasileira a preocupação principal (sem deixar de lado inteiramente as figuras carunchosas da heraldica europea) devem ser fixar os elementos symbolicos de uma nova heraldica nacional evocativos dos fastos do município. E entendo ainda que as divisas devem ser sempre de

cunho patriotico lembrando a palavra Brasil, quanto possivel, como attestação da unidade brasileira. Assim fossem por exemplo as divisas de Tabatinga fronteira do Peru: *Pro Brasilia vigil* e a do Recife: *In littore pro Brasilia vigil* de Santa Victoria do Palmar ao extremo sul *Brasiliae fidelissima*, de Macapá, ao extremo norte *Arx Brasiliae* e assim por diante.

No Estado de São Paulo até bem pouco ninguem cuidou de assumptos heraldicos. Logo após a Republica quando todas as unidades federadas pensavam em escolher armas, bandeiras e hymno, em São Paulo já mais se tratou de taes demonstrações regionaes. E foi um grande bem pois senão, com a inopia artistica do tempo, teriamos hoje a carregar o peso de algum emblema heraldicamente monstruoso de algum hymno deploravelmente falho de inspiração a ser cantado com palavras não menos deficientes.

Já basta a herança de um symbolo pavorosamente feio, oriundo dos tempos da propaganda republicana, a bandeira que se diz ser da invenção de Julio Ribeiro, a improriamente chamada "bandeira paulista", lugubre, inesthetica, insignificativa. Graças a Deus nunca foi officializada, mas por infelicidade é muito adoptada. Assim desapareça de todo o emprego desse panno mortuario alvi-negro arvorado em pendão estadual. Insignificativa hoje mais do que nunca, porque attribue á população paulista uma dosagem de sangue africano inteiramente falsa pois em terras de São Paulo a porcentagem dos euramericanos sempre foi immensamente superior á dosagem dos elementos afros, e eurafricanos e aframericanos.

O primeiro braço municipal paulista officializado ao que me parece é o de Campinas, assim mesmo posterior a 1889. Deve-se ao Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, o tão conhecido medico e philantropo irlandez e cidadão campineiro em virtude de actos de subida benemerencia.

Obedece a uma concepção deficiente com a sua *phoenix* a surgir da immortalidade, elemento unico do escudo.

Recorda a ave fantastica que Campinas resurgiu da catastrophe de sua epidemia de febre amarela. E mais nada!

No passado campineiro ha no emtanto muitos elementos valiosos a serem recordados para que o seu escudo municipal se torne mais evocativo.

Seria então a unica circumstancia digna de menção nos fastos de uma cidade, o facto de que ella se retemperou dos estragos de uma epidemia? A divisa é soffrivel sem ter comtudo a altisonancia requerida pela heraldica:

Labore virtus civitas floret.

E' um reflexo da alma integra que a compoz.

O segundo braço municipal paulista, por ordem chronologica, é o de São Paulo: deve-se-o a uma iniciativa excellente de Washington Luis, então Prefeito da metropole paulistana. Era realmente imperdoavel que uma cidade illustre como a capital piratiningana não tivesse a sua pedra d'armas. Foi a sua escolha o assumpto de memoravel certame artistico em que se apresentaram mais de cincoenta projectos de pintores heraldistas, historiadores.

Da conjunção das ideias de José Wasth Rodrigues e Guilherme de Almeida nasceu o lindo braço paulistano, soberbo no seu heraldismo, evocatividade historica e originalidade de sua forte divisa.

Ha actualmente umas vinte e muitas cidades paulistas que tem escudos.

Cabe-me a responsabilidade da grande

TAUNAY, Affonso de E. Heraldica municipal brasileira. Jornal do Comércio, São Paulo, 05 abr. 1931.

maioria destes braços de armas. Tive a honra de ver as minhas suggestões approvadas por leis municipaes das seguintes edilidades: Ytu', Sorocaba, Porto Feliz, Parnahyba, Taubaté, S. José dos Campos, Tatuhy, São Bernardo, Tietê, Lorena, Jaboticabal, Amparo, Franca, Cananéa, Guaratinguetá, Jundiáhy.

Ao confeccionar os meus projectos pouco me deixei levar pelas regras da Heraldica de que apenas conheço os principios essenciaes. Procurei apenas traduzir, por meio de symbolos, os principaes acontecimentos do passado dos municipios, evocando-lhes as characteristics historicas notaveis.

No mais cingi-me aos principios axiomaticos da *nobre sciencia* (?) dos reis de armas e cartorarios de nobreza a saber que se não deve sobrepôr metal a metal e esmalte a esmalte.

Até ahi chegam os meus conhecimentos devo declarar-o com toda a sinceridade e lealdade. E dahi pouco passam. Nem pretendo alargal-os.

Alguns outros fiz executar de accordo com os pedidos de autoridades mas ignoro se foram officializados.

Assim se deu com Ribeirão Preto, Jahu', Itapetininga, Jacarehy, São Sebastião, cujas Prefeituras não se pronunciaram, por meio de documentos officiaes acerca dos projectos apresentados, de accordo com as suggestões que me foram feitas sobre os fatos a serem recordados nos escudos.

Benedicto Calixto confeccionou os braços de São Vicente e Itanhaen estilizando ainda para escudo de Santos velha bandeira municipal de procedencia ignota mas tradicional.

Mogy das Cruzes tambem tem escudo, a meu ver sobremaneira deficiente sob muitos pontos de vista. Ignoro quem o haja composto. Tão destituído de characteristics historicos, que sendo Mogy cidade bandeirante e podendo ufanar-se de possuir em seu acervo o unico documento conhecido da iconographia bandeirante, esta ali não figura! E sua divisa, segundo appareceu na imprensa, se reveste dos characteristics de uma latinidade mais que duvidosa.

Tambem não conheço outros escudos que ali existirem em São Paulo como os de São Carlos do Pinhal, Villa Americana, Guarujá. O de Pindamonhangaba encerra algumas boas idéas mas precisa ser heraldisado e completado. Assim como está tem mais ares de *ex-libris* do que de pedra d'armas.

Seu distinto autor o Sr. Dr. João Pedro Cardoso, poderia facilmente remodelal-o neste sentido.

Os de Taubaté, Porto Feliz, Parnahyba, Sorocabana, Itu', Itanhaen, São Bernardo e Cananéa, e mais os de São Paulo, Santos, São Vicente e Itanhaen, decoram o grande hall monumental do palacio do Museu Paulista.

O braço de São Paulo, da autoria de Guilherme de Almeida e Wash Rodrigues como disse, é sobejamente conhecido; o braço de prata enfiando na mão uma bandeira, uma alabarda em campo vermelho e o listão com a sua hoje famosa, e tão heraldica divisa: *Non ducor duco*.

O de Santos inspirou-se, como lembrei, no velho e singelo estandarte tradicional da Camara da Cidade e foi de modo feliz heraldizado por Benedicto Calixto; consta hoje de

em campo vermelho uma esphera armillar de prata, com uma banda auri-verde, posta congnamente entre as linhas tropicaes. Das extremidades do eixo das espheras sahe um caduceu de ouro, rematado por uma pinha em torno da qual se estendem duas asas em acção de vôo; na haste do caduceu enrolam-se duas serpentes do mesmo metal.

A divisa da cidade teve o prazer de a compôr, attendendo a honroso convite do então Prefeito em exercicio, Coronel Arnaldo Ferreira de Aguiar. Recordo dois characteristics notaveis da historia santista, a fundação — por Braz Cubas, aliás tambem fundador da villa — da primeira casa de caridade da America do Sul, e o facto de Santos ter sido o berço dos Andradas, a trindade patriarcal da Independencia, e a séde de uma das mais notaveis actuações abolicionistas do Brasil, graças á qual se fizeram os homisios do Jabara:

"A' minha patria ensinei a caridade e a liberdade". *Patriam charitatem et libertatem docui*.

O braço de S. Vicente, da autoria de Calixto, parece-me muito pobrememente ideado. Deveria trazer no escudo uma caravella, impunha-se-lhe a existencia de dois tenentes: Martim Affonso e João Ramalho. Quanta coisa a recordar na pedra de armas vicentina!

Nelle apenas figura o timbre das armas de Martim Affonso de Souza: o leão rompente de goles, armado de blau, com uma grinalda florida de sinopla. A optima divisa imaginada por Calixto é perfeitamente adequada á mais velha cidade do Brasil *Cellulo mater* mas julgo-a incompleta por incarakteristica: deveria, a meu ver assim se redigir: *Brasiliae cellula mater*.

A cercadura (hastes de canna de açúcar) tem alto significado historico, lembrando a cultura primordial do S. Paulo quinhentista, e o empenho primeiro do Brasil de São Jorge dos Erasmos.

O braço de Itanhaen é tambem toda da composição de Benedicto Calixto, que collocou no escudo o timbre dos condes de Vimieiro, donatarios da Capitania da Conceição, cuja capital era como se sabe a villa de Christovam Gongalves: Um cavallo branco com tres lançadas no pescogo em sangue, bordadas de ouro com cabeçadas e redeas de vermelho, tudo em campo de blau (azul). Como timbre e por sobre a corôa mural, a meia lua e o lyrio, attributos de Nossa Senhora da Conceição.

A divisa é uma citação horaciana repetida frequentemente pelo Thaumaturgo do Brasil e demonstradora do apego que Joseph de Anchieta tinha ás praias das pedras sonoras de Itanhaen: "Este cantinho me é muito risonho: *Angulus ridet*."

As cercaduras do escudo são ramos de fumo e hastes de canna de açúcar.

A concepção do escudo é pobre. Tem Itanhaen nos seus fastos mais a recordar do que o simples facto de haver sido cabeça da capitania dos Condes de Vimieiro.

No braço de Sorocaba foram recordados os factos do bandeirantismo — em que brilharam sorocabanos do valor de Antonio de Almeida Falcão, os irmãos Arthur e Fernando Paes de Barros, Miguel Sutil e tantos outros mais — as feiras e o seu papel capital, para a conservação da unidade nacional no sul do Brasil, a mineração de ferro do Araçoyaba, a

primeira realizada em nosso paiz, o papel da cidade nas lutas de 1822 e 1842 e o seu orago: Nossa Senhora da Ponte. Assim, no escudo cortado ha, na parte superior, uma panoplia bandeirante: machado, arcabuz, e gibão de armas, ao natural, sobre campo vermelho, e na inferior uma montanha negra sobre campo de ouro. Como supportes do escudo dois unicornios que são os cavallos heraldicos. O orago é lembrado pela flor de liz, attributo de Nossa Senhora.

Como divisa: "Sempre pugnei por uma patria una e livre", ou: *Pro una libera patria pugnavi*". Havendo no listão deste mote, estampada, uma roda dentada a recordar a importancia da moderna industria sorocabana.

No escudo ytmano, os elementos reunidos recordam que se trata de uma cidade bandeirante, que Ytu' tomou parte sobremodo importante nos acontecimentos de 1822, o que lhe valeu de Pedro I o titulo de *fidelissima*; foi a sede da primeira assembléa republicana havida em terras de São Paulo, e tem como orago Nossa Senhora da Candelaria. Assim figura no escudo em campo vermelho um gibão de armas bandeirantes, ao natural, sobre a porta aberta da corôa mural dois cyrios cruzados, relembram o orago Nossa Senhora da Candelaria.

Os supportes, as primeiras bandeiras nacionais, evocam os fastos da Independencia e o barrete phrygio posto em timbre rememora a convenção de 18 de Abril de 1873. Allude a divisa a estes factos: "maior e mais livre tornei o Brasil"; *Amplior et liberior per me Brasilia*.

Talvez mais historicamente se lhe inscrevesse, com maior eloquencia no listel: *Brasiliae fidelissima* recordando o titulo illustre que Dom Pedro I conferiu á cidade de Domingos Fernandes.

No escudo de Parnahyba ostenta-se em campo azul o contorno da superficie do Brasil, dividida em dois segmentos apresentados em ouro e prata e separados por um meião. Symbolizam estas duas partes o Brasil legitimamente portuguez, em virtude do tratado de Terdesilhas, e o Brasil adquirido, no coração do continente, pela acção das bandeiras.

Como supportes do escudo vêem-se dois bandeirantes revestidos do seu característico "gibão de armas", empunhando um a bandeira de Sant'Anna, padroeira de Parnahyba, e o outro um arcabuz. A divisa é allusiva ao papel dos grandes bandeirantes parnahybano na obra da dilatação do Brasil: taes como André Fernandes, os dois Domingos Jorge Velho, os dois Anhanguera, Fernando Dias Falção, etc. "Minha patria, tornei-a grande". *Patriam feci magnam*.

O bração de Porto Feliz ostenta, no centro do escudo, um canoão de monção, com os seus remos de ouro, em fundo azul, allusão ás monções do ouro, para Mato Grosso. Dois bandeirantes revestidos do gibão de armas são os tenentes do escudo. Como timbre, sobre a corôa mural, vê-se uma arara, de azas abertas, a bicar uma das pedras ameidadas, allusão ao antigo nome indigena de Porto Feliz: "Ara-raytaguaba". Num escudete, a flor de liz, sobre a corôa mural, recorda que o orago da cidade é Nossa Senhora Mãe dos Homens. A divisa se refere á acção das monções. *Muito ao longe levei as fronteiras do Brasil; Perlonge tuli Brasiliae fines*.

No bração de Taubaté tres montanhas heraldicas de ouro, em fundo azul, recordam a Mantiqueira escalada pelos bandeirantes taubateanos que na ansia do ouro, em fins do seculo XVII, promoveram a descoberta do "Sertão dos Cataguazes", hoje Estado de Minas Geraes, com Carlos Pedroso da Silveira, Bartholomeu Bueno de Siqueira e mais sertanistas illustres. Como tenentes do escudo vêem-se um bandeirante e um soldado de guarda de Honra de Pedro I. Recorda este

ultimo o papel saliente dos filhos de Taubaté por occasião da Independencia do Brasil.

Um escudete, com as chagas de Christo, evoca o orago da cidade S. Francisco das Chagas, padroeiro escolhido pelo fundador Jacques Felix. A divisa allude ás difficuldades vencidas pelas bandeiras de Taubaté no sertão: *Per aspera pro Brasilia*.

Depois de approved e officializado o escudo, reflectindo melhor sobre os fastos da velha cidade bandeirante pensei que está incompleto. Convém lembrar a etymologia interessante *Taba-etê* e o facto de que os taubateanos foram os fundadores de dezenas de cidades do Sul do Brasil como me suggeriu o prezado e erudito amigo Felix Guisard Filho. Neste sentido tenho um projecto que oportunamente apresentarei á Prefeitura de Taubaté.

No de Tietê, para cuja confecção tive o honroso convite do illustre amigo Dr. Soares Hungria, quiz deixar frisada a importancia do nome da cidade, homonyma do rio que a corta, appellido prestigiosissimo nos fastos da tradição brasileira e paulista.

Entendi que havendo Tietê deixado os seus antigos nomes de Curuçá e Pirapora para tomar o do grande rio paulista das monções devia no seu escudo preponderar alguma attribuição evocativo do celebre caudal.

Ora esse é a anhuma, abella ave arisca outrora communissima nas margens do Tietê cujo nome indigena, nos nossos primeiros seculos era Anhemby, *rio das Anhumas*.

Escudo portuguez redondo. Em campo de prata uma anhuma de carnação com as azas abertas e a cabeça voltada para dextra. Como supporte um ramo de café a dextra, e outro de algodão a senestra. Corôa mural das cidades com as arres ameidadas, tendo como timbre a Cruz da Ordem de Christo, ao natural. No listel de ouro inscreve-se a divisa da cidade, em letras de blau: *Flumen meum iter gloriae*.

A reflectir melhor penso que está insufficiente o escudo torna-se necessario collocar-lhe por sob a anhuma uma fita de prata, a lembrar o Tietê evocado na divisa.

Do escudo de Tatuhy tive a incumbencia honrosa pelo distinto illustrado amigo então deante prefeito do Municipio Dr. Norman Bernardes. Foi inaugurado quando do primeiro centenario da cidade, a 11 de Agosto de 1926 no meio de lindas festividades.

Nos fastos de Tatuhy convinha lembrar que no municipio existira outrora o grande latifundio do illustre Paschoal Moreira Cabral Leme, bandeirante dos maiores, pois como todos sabem, a elle se deve, em magna parte, a incorporação de Mato Grosso ao patrimonio brasileiro; que Tatuhy se fundara em terras dos carmelitas de Ytu', graças á acção do Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão, procer da nossa independencia nacional e em diversas épocas dera arrhas de apego á legalidade.

Assim, pois, imaginei o bração de Tatuhy do seguinte modo:

Escudo redondo portuguez, encimado pela corôa mural, distintiva das cidades, dividido em dois quartéis, sendo o primeiro partido.

Primeiro quartel: Na parte de dextra em campo de ouro, um rio de blau e um tatú em carnação representam as armas falantes do municipio cujo nome tem a etymologia tupyca: rio do tatú.

Na parte de senestra em campo de azul, uma montanha ao natural, com uma cruz de prata, circumdada de tres estrelas, tambem de prata (bração da Ordem Carmelitana) e de um crescente de prata symbolizadores do orago da cidade: Nossa Senhora da Conceição.

No segundo quartel, em campo de goles, um castelo forte de ouro.

TAUNAY, Affonso de E. Heraldica municipal brasileira. Jornal do
Comércio, São Paulo, 05 Abr. 1931.

Como differença um escudete e com as armas de Cuyabá lembra que as terras de Tatuhy foram de Paschoal Moreira Cabral. Como supportes um ramo de café, frutificando, a dextra e outro, florido, de algodão, a senestra. Como timbre o do brazão do Brigadeiro Manuel Rodrigues Jordão, um leão nascente de ouro tendo na espadua uma flor de lys de goles.

No listel, em letras de ouro, sobre fundo azul, a divisa escolhida pela municipalidade:

Pax ardens surrexit: recobre a roda dentada que recorda a grande industria moderna tatuhyense.

No brazão de São José dos Campos, organizado em attenção ao honroso convite do digno prefeito local, em 1925. Coronel Silva Cursino, depois de procurar no passado do municipio os principaes elementos tradicionais lembrei os seguintes: a fundação da aldeia guayanaz, do seculo XVI, pelo veneravel Joseph de Anchieta, o povoado do territorio de S. José, pelos desbravadores vindos de Jacarehy, no seculo XVII, a criação da villa no seculo XVIII por ordem do então Capitão General de São Paulo D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão Morgado de Matheus, sob o nome de S. José do Parahyba. Assim se descreve:

No primeiro quartel, a dextra: as armas do illustre fundador de S. José, o Veneravel Joseph de Anchieta, tendo em bordadura, quatro cabeças de indios afrontados, duas a duas. A senestra, em campo de sinople, um rio de prata, um ramo de lyrio florido e um bastão florido, ambos de prata. O rio recorda o Parahyba e a antiga denominação da cidade de S. José do Parahyba. O lyrio florido é o attributo habitual de S. José e o bastão florido lembra uma das mais suaves lendas lativas ao Padroeiro da Igreja Catholica, lenda que se reporta ao seu casamento com Maria Santissima.

Assim este meio quartel constitue as armas falantes da cidade.

No segundo quartel: em campo de goles uma panoplia bandeirante, a recordar os desbravadores; arcabuz, espada, machado e bandeira ao natural, com a imagem de São José.

As armas de Anchieta assim se descrevem: escudo esquartelado tendo no primeiro e terceiro uma arvore de sinople, com um lobo saltante de sab'e; no segundo e no quarto cinco estrelas de ouro, em santor, em campo de blau; numa orladura, em campo de goles, cruzetas de ouro.

Sobre a porta central da corôa mural ha um escudete com o brazão do Morgado de Matheus: as armas dos Souza e as dos Botelhos.

Como supportes dois soldados do regimento de milisianos das Villas do Norte, criado pelo Morgado de Matheus em 1760. No listão se inscreve a divisa allusiva á fertilidade do solo do municipio e á tão celebrada pureza de seu clima: *Aura terra que generosa* escripta em letras de goles sobre campo de prata. Ao listel adornam ramos de café floridos recordando a principal lavoura do municipio.